

Aula 1 — A Origem da Monarquia: De Samuel a Saul

TEXTO ÁUREO · "E o SENHOR disse a Samuel: — Atenda à voz do povo em tudo o que lhe pedem. Porque não foi a você que rejeitaram, mas a mim, para que eu não reine sobre eles." (1 Samuel 8:7)

VERDADE PRÁTICA

A liderança autêntica submete-se à soberania de Deus; confiar em modelos humanos e seculares em detrimento da direção divina leva ao colapso moral e à ruína espiritual.

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE · 1 Samuel 8:4-7, 19-22 (Nova Almeida Atualizada) **4** Então todos os anciãos de Israel se congregaram e foram falar com Samuel, em Ramá. **5** Eles disseram: — Veja! Você está ficando velho e os seus filhos não andam pelos seus caminhos. Por isso, queremos agora que você nos constitua um rei, para que nos governe, como acontece em todas as nações. **6** Mas Samuel não gostou desta palavra, quando disseram: "Dê-nos um rei, para que nos governe." Então Samuel orou ao SENHOR. **7** E o SENHOR disse a Samuel: — Atenda à voz do povo em tudo o que lhe pedem. Porque não foi a você que rejeitaram, mas a mim, para que eu não reine sobre eles. **19** Porém o povo não atendeu à voz de Samuel e disse: — Não! Queremos um rei sobre nós. **20** Seremos como todas as outras nações. O nosso rei poderá nos governar, sair adiante de nós e fazer as nossas guerras. **21** Samuel ouviu todas as palavras do povo e as repetiu diante do SENHOR. **22** Então o SENHOR disse a Samuel: — Atenda à voz do povo e escolha um rei para eles. Então Samuel disse aos filhos de Israel: — Cada um de vocês volte para a sua cidade.

Introdução

O período dos Juízes foi marcado por uma profunda instabilidade moral e espiritual em Israel, resumida na dura constatação de que "cada um fazia o que achava mais certo" (Jz 21:25). Neste cenário sombrio, Samuel surge não apenas como o último dos juízes, mas como profeta e sacerdote, promovendo uma transição vital na história do povo de Deus. Sob sua liderança, Israel experimentou

reavivamento e vitórias, mas a nação carregava no coração o desejo latente de assemelhar-se aos povos pagãos ao seu redor.

A transição da teocracia (o governo de Deus) para a monarquia humana não ocorreu por uma revelação de avanço espiritual, mas por uma exigência carnal do povo. Ao pedirem um rei que os governasse "como acontece em todas as nações" (1 Sm 8:5), os israelitas estavam cometendo uma grave infração teológica: a rejeição do próprio Senhor como seu Soberano. A ascensão e a trágica queda de Saul, o primeiro rei, servem-nos como um profundo alerta sobre os perigos da liderança forjada na aparência e desprovida da aprovação íntima de Deus.

I. A Crise na Liderança e o Pedido por um Rei

1. O ministério de Samuel e a corrupção de seus filhos. Em sua velhice, Samuel constituiu seus filhos, Joel e Abias, como juízes (do hebraico *shapat*, que significa governar, vindicar ou julgar). Diferente do pai, eles "inclinaram-se à avareza, aceitavam suborno e perverteram o direito" (1 Sm 8:3). O fracasso na transmissão do legado espiritual na família do profeta serviu de pretexto para os anciãos de Israel exigirem uma drástica mudança de sistema. Para o líder cristão de hoje, fica a advertência de que o sucesso no ministério ou na profissão jamais deve custar a negligência na formação do caráter e no discipulado dos próprios filhos.

2. A rejeição da teocracia: "queremos ser como as outras nações". A motivação de Israel não era a santidade, mas o secularismo. Eles queriam um monarca (hebraico *melek*) que saísse à frente deles nas batalhas, confiando no braço da carne. Ao fazerem isso, rejeitaram o Rei invisível que os havia libertado do Egito. A igreja contemporânea corre o mesmo risco quando tenta copiar os modelos, os métodos e o "esplendor" do mundo corporativo secular para se sentir relevante, abandonando a dependência do Espírito Santo.

3. A permissividade e a soberania de Deus no processo. Samuel entristeceu-se, mas buscou a Deus em oração. O Senhor permitiu o estabelecimento do reinado humano, alertando, porém, sobre as severas consequências sociais e econômicas que um rei opressor traria (1 Sm 8:11-18). Deus exerce Sua vontade permissiva, deixando, muitas vezes, que o ser humano sofra as consequências de suas escolhas precipitadas, sem jamais perder a Sua soberania sobre a História.

II. Saul: O Rei Escolhido Pela Aparência

1. A ascensão e as vitórias militares iniciais. Saul, filho de Quis, preenchia perfeitamente os requisitos visuais de um herói do Antigo Oriente Próximo: "Dos ombros para cima, ele sobressaía a todo o povo" (1 Sm 9:2). Suas primeiras ações militares contra os amonitas trouxeram libertação a Jabes-Gileade e unificaram o povo. Contudo, atributos físicos e talentos naturais não substituem o caráter forjado por Deus. A aparência de sucesso inicial não é garantia de aprovação divina duradoura.

2. A falha no caráter: impaciência e intromissão sacerdotal. A ruína de Saul começou a se desenhar em Gilgal (1 Sm 13). Pressionado pela ameaça dos filisteus e vendo o povo se dispersar, o rei não aguardou o prazo dado por Samuel e usurpou a função sacerdotal, oferecendo holocaustos. O medo da crise revelou a sua falta de temor a Deus. Na vida do cristão maduro e do líder, o pragmatismo — fazer "o que funciona" passando por cima da ética bíblica — é um caminho perigoso que rompe a comunhão com o Senhor.

3. A desobediência com os amalequitas e a rejeição divina. A sentença definitiva sobre o reinado de Saul ocorreu no episódio contra os amalequitas (1 Sm 15). Ele poupou o rei Agague e o melhor dos rebanhos, desobedecendo à ordem de destruição total (*anátema*). Quando confrontado, tentou justificar seu pecado com motivos religiosos. A contundente resposta de Samuel ressoa até hoje: "o obedecer é melhor do que o sacrificar" (1 Sm 15:22). A adoração pública não encobre a desobediência oculta.

III. O Declínio e a Queda de Saul

1. A inveja contra Davi e a deterioração mental. Com a retirada do Espírito do Senhor, Saul foi atormentado por um espírito maligno (1 Sm 16:14). O sucesso do jovem Davi despertou no rei uma paranoia e inveja doentias, transformando seu governo em uma caçada obsessiva ao seu sucessor. A ausência da graça de Deus na vida de um líder gera insegurança, competição e a destruição das relações interpessoais.

2. A consulta à necromante em En-Dor. No ápice de sua agonia espiritual, prestes a enfrentar novamente os filisteus, Saul percebeu que Deus não lhe respondia mais "nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (1 Sm 28:6). Em completo desespero, quebrou a própria lei que havia promulgado e buscou uma necromante (médium) em En-Dor. Esse ato representou o ponto mais baixo de sua

apostasia, demonstrando a profunda escuridão que domina o homem quando ele perde totalmente o contato com o seu Criador.

3. O fim trágico no monte Gilboa. A história do primeiro rei de Israel termina de forma melancólica e sangrenta no monte Gilboa (1 Sm 31). Ferido pelos arqueiros inimigos, Saul tira a própria vida para não ser capturado, caindo sobre sua espada. Aquele que começou como a grande esperança humana da nação terminou derrotado, decapitado e exposto nas muralhas de Bete-Seã. É o trágico retrato do fim daqueles que começam no Espírito, mas tentam se aperfeiçoar pela carne.

Conclusão

A origem da monarquia em Israel é uma contundente lição de teologia política e liderança espiritual. A nação desprezou o governo invisível e perfeito de Deus em troca de um monarca humano, governado pela estética e pela glória terrena. Saul encarna os perigos do talento desprovido de caráter. Que, como cristãos maduros, não busquemos nos amoldar aos padrões pragmáticos desta época, mas que renovemos diariamente nossa submissão ao Senhor, o nosso único e eterno Rei.